

## Escala de avaliação da autonomia profissional dos professores: Elaboração e validação<sup>1</sup>

Feliciano H. Veiga  
Teresa M. Guerra  
Luísa Fernandes  
Paula Roque  
Júlia Antunes

### Resumo

O presente estudo sistematiza os processos seguidos na construção da denominada Escala de Avaliação da Autonomia Profissional dos Professores (EAP). Os resultados obtidos nos 32 itens desta escala foram analisados quanto à fidelidade e à validade de construto e externa. Uma análise factorial de componentes principais com rotação varimax revelou a existência de seis factores específicos, para além de um factor geral, relativos à multidimensionalidade do construto autonomia profissional dos professores. A variância explicada pelo conjunto dos seis factores atingiu 64.56% da variância total dos resultados. Os coeficientes de consistência interna mostraram-se muito elevados, para os diferentes factores e para variados grupos de pertença. Os índices de validade externa apresentaram-se muito satisfatórios. Os resultados mostraram-se de acordo com os posicionamentos teóricos existentes, quer acerca da autonomia profissional (Friedman, 1999) quer no âmbito da perspectiva psicométrica da avaliação psicológica.

*Palavras-chave:* autonomia profissional, desenvolvimento profissional dos professores

### Abstract

This study systematises the processes undertaken in the construction of the so-called *Teachers' Professional Autonomy Evaluation Scale (EAP)*. The results obtained in the 32 items of this scale were analysed regarding construct and external reliability and validity. Factorial analysis of the main components with *varimax* rotation revealed the presence of six specific factors, besides one general factor, concerning the multidimensionality of the construct *teachers' professional autonomy*. The variance explained by the set of six factors reached 64.56% of the total variance of results. The internal consistency coefficients were very high, for the different factors and for different groups. The indexes of external validity were very satisfactory. Results were in accordance with the existing theoretical positions, regarding both professional autonomy (Friedman, 1999) and the psychometric perspective of psychological evaluation.

*Keywords:* professional autonomy, teachers' professional development

A falta de instrumentos de avaliação adaptados conduziu à elaboração da “Escala de Avaliação Autonomia Profissional dos Professores” (EAP). Neste estudo, apresentam-se os passos seguidos na construção desta mesma escala, trabalho inserido num projecto mais amplo de estudo da autonomia dos professores (Guerra, 2003). O conceito autonomia profissional dos professores tem sido discutido no meio científico (Erault, 1977; McEwen, 1985; Sockett, 1989; Bredeson, 1989; Smitt e Scott, 1990; Keedy, 1990; Dean, 1991; Farrugia, 1992; Gordon, 1993; Chen e Addi, 1995; Sanches, 1995) e, embora frequentemente referenciado na bibliografia, assume ainda uma certa novidade. Apesar de a literatura sobre a autonomia das escolas ser vasta e dispersa

---

<sup>1</sup> Estudo apresentado no VII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia, realizado em 24, 25 e 26 de Setembro de 2003, pela Universidade do Minho e pela Universidade da Corunha. Corunha: Universidade da Corunha.

(Barroso, 1995, 1996a, 1996b, 1999; Formosinho, 1989, 1999; Lima, 1992; Sanches, 1987; Sarmiento, 1998, 1999), seja quanto à sua explicação teórica seja quanto aos modelos de intervenção em meio escolar — os investigadores têm centrado a atenção na observação feita pelos próprios professores à gestão e organização das escolas (Chen e Addi, 1995; Mulcaby, 1994; Farrugia, 1992), ou por observadores seleccionados para tal (Gordon, 1993; Johnston, 1992). Uma outra forma de avaliar a autonomia tem sido através da consulta de registos oficiais existentes nas escolas (Feiman & Floden, 1986).

Nos últimos anos, alguns investigadores têm procurado desenvolver instrumentos de avaliação dos comportamentos e das competências profissionais que têm a ver com a autonomia dos professores (Friedman, 1999; Wilson, 1993; Licata, Teddlie, & Greenfield, 1990; Porter, 1989; Fox, 1985). Embora existam alguns instrumentos relacionados com a autonomia das escolas em geral, instrumentos esses contendo alguns itens sobre a autonomia dos professores, faltam escalas constituídas para avaliar a autonomia pessoal e profissional dos professores. De facto, os instrumentos existentes tem menos a ver com o conceito de autonomia profissional dos professores do que com a autonomia das escolas, ou então com a autonomia e gestão das escolas. Outros instrumentos destinam-se apenas a professores do 1º ciclo (Keedy, 1990), ou só aos professores do ensino secundário (Gordon, 1993) ou apenas a supervisores e administradores das escolas (Raelin, 1989; Farrugia, 1992). Ora, se por um lado muitos dos itens próprios para avaliar os comportamentos dos professores do 1º ciclo se mostram inadequados aos professores do ensino secundário, por outro, os questionários destinados aos supervisores e administradores de gestão escolar contêm, com frequência, itens que levantam algumas dificuldades se forem administrados aos restantes professores. Outro importante aspecto é o de que, apesar de alguns instrumentos apresentarem qualidades psicométricas, não assumem a multidimensionalidade representativa do conceito “autonomia profissional dos professores”. Descrevem-se em seguida as diferentes fases tidas em conta na construção da escala de autonomia profissional dos professores.

### **Elaboração da escala**

Apresentam-se os cuidados havidos na recolha e elaboração dos itens, o estudo piloto, e ainda a descrição da amostra envolvida no processo de elaboração da Escala de Avaliação da Autonomia Profissional dos Professores (EAP).

### **Recolha e elaboração dos itens**

No campo dos modelos teóricos, vários autores sugeriram os itens referentes a esta escala no presente estudo (Friedman, 1999; Chen e Addi, 1995). Na tarefa de construção dos itens a incluir num instrumento de avaliação da autonomia profissional dos professores, foi também importante a revisão a que se procedeu dos instrumentos que têm sido elaborados com vista à avaliação de conteúdos algo próximos da autonomia profissional dos professores (Chen e Addi, 1995; Gordon, 1993; Farrugia, 1992; Smitt e Scott, 1990; Keedy, 1990; Dean, 1991).

Os itens seleccionados tomaram como referência um estudo de Friedman (1999), intitulado *Teacher- Perceived Work Autonomy: The concept and its Measurement*, cuja escala, denominada: *Appropriate Teacher Work-Autonomy (ATA)*, procura analisar a autonomia dos professores em diferentes áreas de funcionamento da escola e é constituída por seis temas diferentes: estabelecimento da identidade e praxis escolar;

autonomia no ensino e na avaliação; autonomia dos professores no relacionamento com os encarregados de educação; autonomia no âmbito da formação profissional; autonomia nas temáticas de ensino; autonomia na mudança curricular e desenvolvimento. Cada um destes temas são compostos por vários itens de onde foram seleccionados os itens que introduzimos na escala *EAP*. Foi feito, pelo referido autor (Friedman, 1999), um estudo, intitulado *Study I: Teacher Work Autonomy – the concept and its components*, onde participaram 156 professores pertencentes a vários níveis de ensino e que exerciam também variadas funções dentro das escolas donde eram provenientes (12 escolas diferentes). O instrumento deste estudo tinha inicialmente uma escala composta por 32 itens provenientes de 6 subescalas. Os itens tinham 5 opções, desde 1 (sem nenhuma autonomia) até 5 (com total autonomia). Segundo o autor este 1º estudo terá servido para esclarecer o conceito de autonomia dos professores, o qual pode ser expresso em dois tipos diferentes de decisões: essencial ou de rotina, pedagógica ou organizacional. Um segundo estudo, denominado *Factor Structure and Reliability of Scores on Scale to Measure Teacher-Perceived Sense of Work Autonomy*, foi feito a 650 professores pertencentes a escolas básicas e secundárias em Israel. Destes, 418 eram pertencentes a 13 escolas denominadas autónomas (dado que existia uma elevada delegação de autoridade e competências pelo Ministro da Educação e ainda uma descentralização e desburocratização interna ao nível dos procedimentos). Em cerca de 232 professores, 11 classificaram-se como não autónomos (dos quais 9 pertenciam a escolas básicas e apenas 2 a escolas secundárias).

Visto que no nosso país não existe uma delegação de competências, ao nível da autonomia, como acontece no país onde foi realizado o estudo de Friedman (1999), Israel (e noutros países), decidimos construir uma nova escala baseada na realidade portuguesa, no âmbito da orientação de um trabalho mais amplo (Guerra, 2003). Por isso, alguns itens tiveram que apresentar uma nova estrutura e outros foram eliminados; no entanto, procurou-se manter os temas ou dimensões gerais referidas por Friedman (1999). Os itens da *EAP* inserem-se numa escala tipo *Likert*, com 6 opções de resposta, desde nenhuma autonomia (1) até total autonomia (6).

Após verificação — através de um estudo piloto — de que os reactivos escolhidos apresentavam características de bons itens (Everet & Entekin, 1980; Guilford & Fruchter, 1981; Harman, 1980), estes passaram a integrar o instrumento que, por ser destinado a avaliar o grau de autonomia profissional dos professores, foi designado por "Escala de Avaliação da Autonomia Profissional dos Professores (*EAP*). Escala, porque se trata de um instrumento de avaliação sem significado de competição, êxito ou fracasso (De la Orden, 1985, p. 92; Kerlinger, 1980, p. 346); de autonomia profissional, porque visa avaliar a autonomia profissional dos professores em meio escolar.

A escala, desenvolvida neste contexto, além de estar em consonância com as teorias de explicação e de intervenção da autonomia profissional dos professores, apresenta a vantagem de, globalmente, confirmar os elementos que previamente se haviam encontrado por meio de uma primeira versão que foi distribuída a 40 professores, os quais apresentaram algumas sugestões que tivemos em conta na elaboração de posterior versão do questionário. Na primeira versão do questionário, apresentámos uma primeira parte que intitulámos por Questionário de Autonomia Pessoal e Profissional. Nesta seleccionámos 32 itens com a intenção de sabermos o que os professores pensam quanto à existência ou não de autonomia profissional e que margens de autonomia têm efectivamente os professores integrados em meio escolar.

A escala definitiva foi aplicada a uma amostra de 203 professores de ambos os sexos, de escolas pertencentes ao distritos de Lisboa, Setúbal, Leiria e Aveiro. Utilizou-

se um conjunto de itens que, partindo do estudo de Friedman (1999), passaram por sucessivas reformulações. Trata-se de uma escala composta por 32 itens distribuídos por 6 factores distintos: autonomia na formação de turmas; autonomia nas temáticas de ensino; autonomia na formação profissional; autonomia no relacionamento com os encarregados de educação; autonomia no ensino e na avaliação do rendimento escolar; autonomia no desenvolvimento curricular.

Os resultados, uma vez recolhidos, foram analisados quanto às características tradicionalmente valorizadas na perspectiva psicométrica da avaliação: fidelidade e validade. Seguem-se os elementos relativos à fidelidade.

### Fidelidade dos resultados

No quadro 1, apresentam-se os coeficientes “*alpha*” obtidos nos vários factores, para a amostra geral, sexo, idade, estado civil, tempo de serviço, grupo disciplinar, nível de ensino, escalão, habilitações literárias, profissionalização, grau de satisfação profissional, opção no curso, relacionamento com os órgãos de gestão, distância de casa à escola e cargos exercidos durante este ano lectivo. Os valores mais altos situam-se acima dos 0.80 e os mais baixos em 0.70. Em geral, os valores ultrapassam o limite frequentemente aceite na avaliação dos resultados neste tipo de instrumentos (0.75). Os menores valores situam-se nos subgrupos com menos número de sujeitos (2º ciclo, cargos com maior importância), como seria de esperar, e na dimensão “currículo”, o que poderá ser aprofundado em posteriores estudos.

### Validade interna dos resultados

Grupo	Índices “ <i>Alpha</i> ”						
	Turmas	Ensino	Formação	Relac.	Avaliação	Currículo	Total
Amostra Total	.83	.87	.87	.83	.85	.75	.95
Sexo masculino	.83	.89	.91	.89	.89	.73	.96
Sexo feminino	.83	.85	.84	.80	.83	.75	.94
Idade até 30 anos	.82	.89	.88	.83	.86	.85	.95
Idade- 30 / 44	.81	.84	.85	.77	.85	.77	.96
Idade- + 44 anos	.85	.88	.88	.86	.86	.67	.94
Até 4 a. serviço	.84	.75	.84	.86	.83	.89	.92
4 a 6 a serviço	.90	.97	.95	.93	.94	.78	.98
6 a 25 a serviço	.82	.86	.87	.83	.86	.72	.95
25 / 35 a serviço	.83	.87	.86	.81	.84	.73	.94
Nível - 2º Ciclo	.70	.77	.89	.51	.37	.63	.86
Nível - 3º Ciclo	.61	.86	.79	.82	.79	.86	.94
Nível - Secundár	.87	.87	.89	.85	.87	.68	.95
Cargos > import	.97	.94	.94	.92	.95	.93	.99
Cargos < import	.81	.84	.89	.90	.86	.72	.93

Quadro 1. Índices “*alpha*” dos resultados nos factores da EAP, para o total da amostra e vários grupos.

O estudo da validade do construto ou interna incidiu no conjunto da amostra, e foi realizado recorrendo ao SPSS com indicação de 6 factores, número idêntico ao encontrado no trabalho de Friedman (1999). A análise apresentou 6 factores com uma

explicação de 64.56 % da variância total. A composição dos agrupamentos dos diferentes factores é apresentada no anexo 1 (Escala *EAP*).

Verifica-se que, na generalidade, os itens apresentam índices de saturação elevados. Apresentar valores de saturação superiores a 0,30 foi o critério utilizado para a inclusão de itens na matriz factorial rodada. A significação dos factores deste instrumento, assim constituídos, é interpretada como se segue.

*Factor 1: Autonomia na Formação de Turmas*, suas condições e normas escolares. Os itens incluídos neste factor visam avaliar o grau de autonomia do professor na elaboração de critérios de formação de turmas, na criação de condições para o exercício do ensino e na construção de normas escolares capazes de viabilizar a aprendizagem ensino.

*Factor 2: Autonomia nas Temáticas de Ensino*. Este factor faz referência a temáticas que podem enriquecer os programas curriculares e extracurriculares dos alunos. Inclui a possibilidade de experimentar novas formas de apoio educativo e de promover intercâmbios com entidades exteriores à escola.

*Factor 3: Autonomia na Formação Profissional*. Este factor faz referência à autonomia do professor face à sua formação e à possibilidade de escolher várias ofertas de formação específica do seu curso, de escolher a altura e o local em que pretende fazer a sua formação.

*Factor 4: Autonomia no Relacionamento com os Encarregados de Educação*. Os itens avaliam a autonomia do professor para promover encontros com os encarregados de educação, para desencadear formas de colaboração com os pais ou seus encarregados, e promover actividades culturais com os mesmos.

*Factor 5: Autonomia no Ensino e na Avaliação do Rendimento Escolar*. Em primeiro lugar este factor faz referência à autonomia e liberdade que o professor tem ao nível do ensino nomeadamente para escolher métodos adequados às necessidades dos alunos, de experimentar novos métodos, para determinar normas e regras de comportamento, para estabelecer critérios de avaliação do rendimento escolar dos alunos; de estabelecer limites ao comportamento dos alunos.

*Factor 6: Autonomia na mudança e no Desenvolvimento Curricular*. Os itens pretendem avaliar a autonomia do professor face à sua possibilidade de mudança ao nível curricular, sobretudo na definição de objectivos curriculares, na implementação de um novo currículo, na possibilidade de acrescentar ou eliminar temas ao currículo oficial e da elaboração de um currículo adaptado às necessidades dos seus alunos.

Os resultados apresentados permitem, assim, a utilização de 6 factores específicos e de um factor geral. Regista-se que os valores dos diferentes factores são apresentados de modo que às pontuações mais elevadas corresponde a expressão de uma superior autonomia percebida.

### **Validade externa dos resultados**

No estudo da validade externa, considerou-se, por um lado, a relação das pontuações na *EAP* com “satisfação na profissão”, professada pelos professores (Quadro 2), e, por outro lado, com cada uma das variáveis “envolvimento dos professores na promoção dos alunos” e “produtividade pessoal” dos professores (Quadro 3).

AUTONOMIA	Satisfação	N	Média	Desvio-Padrão	t	Bicaud	ig
TURMAS	média	100	9,2600	3,7379	-5,450	,000	***
	elevada	97	13,3918	6,5631			
ENSINO	média	100	23,2400	6,0086	-3,266	,001	***
	elevada	97	26,5670	8,1585			
FORMAÇÃO	média	100	18,3300	5,9221	-4,447	,000	***
	elevada	97	22,3196	6,6592			
RELAÇÃO C/ PAIS	média	100	11,6000	3,7766	-4,406	,000	***
	elevada	97	14,0206	3,9343			
AVALIAÇÃO	média	100	32,0200	6,7554	-4,875	,000	***
	elevada	97	37,1134	7,8805			
CURRÍCULO	média	100	10,5000	4,8628	-1,155	,250	ns
	elevada	97	11,3196	5,0981			
TOTAL PROFISSIONAL	média	100	109,6800	22,5097	-5,147	,000	***
	elevada	97	130,0515	32,3182			

\* p<0,05; \*\* p<0,01; \*\*\* p< 0,001; ns = não significativo

Quadro 2. Média e desvio padrão dos resultados na autonomia, em função satisfação na profissão.

AUTONOMIA	Promoção dos alunos	Produtividade Pessoal
TURMAS	,246(**)	,311(**)
ENSINO	,320(**)	,441(**)
FORMAÇÃO	,326(**)	,395(**)
RELAÇÃO C/ PAIS	,252(**)	,231(**)
AVALIAÇÃO	,330(**)	,412(**)
CURRÍCULO	,165(*)	,225(**)
TOTAL PROFISSIONAL	,360(**)	,448(**)

\*\* p< 0.01 (2-tailed) \* p< 0.05 (2-tailed).

Quadro 3. Correlações de Pearson entre as dimensões da autonomia e as variáveis “envolvimento dos professores na promoção dos alunos” e “produtividade pessoal”, na amostra total.

Levantou-se aqui a hipótese da existência de diferenças estatisticamente significativas na satisfação na profissão em função de cada uma das dimensões da autonomia, e ainda a hipótese do aparecimento de correlações significativas e positivas entre os resultados na EAP e cada uma das referidas variáveis (“envolvimento dos professores na promoção dos alunos” e “produtividade pessoal” dos professores). Os resultados encontrados (Quadro 2 e 3) conduzem à aceitação de tais hipóteses. A escolha dos referidos "critérios externos" ficou ainda a dever-se a dois tipos de razões. Por um lado, prendeu-se com os objectivos do estudo já referido (Guerra, 2003) e, por outro, deparou-se com a falta de escalas de avaliação algo semelhantes e já consideradas válidas.

## Conclusões

No presente estudo, apresentou-se a sistematização dos processos seguidos na construção da denominada *Escala de Avaliação da Autonomia Profissional dos Professores (EAP)*. Analisaram-se as qualidades psicométricas da mesma, confirmou-se a hipótese da multidimensionalidade deste construto por meio da análise factorial dos resultados. Essa análise revelou, além de um factor geral, a existência de 6 factores (que explicam da 64.56% da variância total dos resultados) e serviu para o estudo da validade de construto ou interna da escala. Analisaram-se as qualidades psicométricas da *EAP* ao nível dos coeficientes de consistência interna para os diferentes factores, e da validade externa.

No estudo da validade externa, tomaram-se dois parâmetros, tendo sido encontrados bons resultados. As análises estatísticas efectuadas a propósito das características psicométricas dos resultados na *EAP* apresentavam valores positivos em termos da sua utilização na investigação em Ciências da Educação. Por último, a existência de instrumentos de avaliação da autonomia dos professores poderá representar uma via útil para um melhor conhecimento destes profissionais da educação e dos seus contextos de vida.

## Referências

- Alves-Pinto, C. (1995). *Sociologia da escola*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Barroso, J. (1995) Para uma abordagem teórica da reforma da administração escolar: a distinção entre direcção gestão. *Revista Portuguesa de Educação*, 18(1), 33-56.
- Barroso, J. (1996a). (Org). *O estudo da escola*. Porto: Porto Editora.
- Barroso, J. (1996b). O estudo da autonomia da escola: Da autonomia decretada à autonomia construída. In J. Barros (Org.), *O estudo da escola*. Porto: Porto Editora.
- Barroso, J. (1999). Regulação e autonomia da escola pública: O papel do Estado, dos professores e dos pais. *Inovação*, 12(3), 9-33.
- Bredeson, P. (1989, March). *Redefining leadership and the roles of school principals responses to changes in the professional worklife of teachers*. Paper presented at the Annual Meeting of the American Educational Research Association. San Francisco, CA.
- Chen, M. & Addi, A. (1995, April). *Educational leaders influencing behaviors and school restructuring preliminary draft*. Annual Meeting of the American Educational Research Association. San Francisco, C. A.
- De La Orden, A. (1985). *Investigación educativa*. Madrid: Anaya.
- Dean, J. (1991). *Profesional development in school*. Philadelphia: Open University Press.
- Erault, M. (1977). Strategies for developing teacher development. *British Journal of In-Service Education*, 4(1/2), 10-12.
- Everett, J. E. & Entekin, L. V. (1980). Factor analysis. *Multivariate Behavioral Research*, 2, 165-180.
- Farrugia, C. (1992). Authority and control in the Maltese educational system. *International Review of Educational Internationale de Pedagogie*, 38(2), 155-71.
- Feiman, N. S. & Floden, R. E. (1986). The cultures of teaching. In M. C. Wittrock (Ed.), *Handbook of research on teaching* (pp. 505-526). New York: Collier Macmillan.
- Formosinho, J. (1989). *Administração escolar*. Braga: Universidade do Minho. [Policopiado]
- Formosinho, J. (1999). *O pragmatismo burocrático: Um contributo para o estudo da políticas educativas no quotidiano*. II Congresso Internacional da APELF/AFIRSE.
- Fox, D. R. (1985). *Personal autonomy psychological sense of community and political ideology*. Paper presented at the annual meeting of the American Psychological Association. Los Angeles, California.
- Friedman, I. (1999). Teacher-perceived work autonomy: The concept and its measurement. *Educational and Psychological Measurement*, 59(1), 58-76.
- Gordon, R. (1993, April). *The irrational science of educational reform*. Annual Meeting of American Educational Research Association. Atlanta: GA.

- Guerra, T. (2003). *Autonomia pessoal e profissional dos professores*. Lisboa: Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. [Tese de mestrado não publicada]
- Guilford, J. P. (1981). *Foundations statistics in psychology and education*. London: McGraw-Hill.
- Harman, H. H. (1980). *Modern factor analyses*. Chicago: University of Chicago.
- Johnston, J. (1992). Quality assurance, school self-management and the contradictions of control. *European Journal of Education*, 27(1-2), 65-75.
- Keedy, J. L. (1990). *Norm setting by principals in effective schools: Implications for school restructuring*. EDRS Price – MF01/PC02 Plus Postage.
- Kerlinger, F. N. (1980). *Foundations behavioral research*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Licata, J. W., Teddlie, C. B., & Greenfield, W. D. (1990). Principal vision, teacher sense of autonomy, and environmental robustness. *Journal of Educational Research*, 84(2), 93-99.
- Lima, L. C. (1992). *Organizações educativas e administração educacional*. Braga: Universidade do Minho. [Relatório da disciplina, policopiado]
- MacEwen, A. (1985). Teachers' values: A case study of Northern Ireland Teachers. *Educational Research*, 27(1), 19-22.
- Mulcahy, D. G. (1994, November). *Goals 2000 and the role of the National Education Standards and Improvement Council*. Paper presented at the Annual Conference of the American Educational Studies Association. Chapel Hill, NC.
- Porter, A. C. (1989). External standards and good teaching: The pros and cons of telling teachers what to do. *Educational Evaluation & Policy Analysis*, 11, 343-356.
- Raelin, J. M. A. (1989). How to give your teachers autonomy without losing control. *The Executive Educator*, 11(2), 19-20, 34.
- Sanches, M. F. C. (1987). *A study of organizational self-efficacy and motivation: Becoming a directive council member in the context of a Portuguese secondary school*. Universidade de Iowa. [Tese de doutoramento]
- Sanches, M. F. C. (1995). A autonomia dos professores como valor profissional. *Revista de Educação*, V(1), 42-63.
- Sarmiento, M. J. (1998). *Lógicas de acção: Estudo organizacional da escola primária*. Braga: Universidade do Minho. [Tese de doutoramento]
- Sarmiento, M. J. (Org.), (1999). *A autonomia da escola*. Lisboa: Asa.
- Smith, S. C. & Scott, J. J. (1990). *The collaborative school: A work environment for effective instruction*. ERIC Clearinghouse on Educational Management.
- Sockett, H. (1972). Research, practice and professional aspiration within teaching. *Journal of Curriculum Studies*, 21(2), 97-112.
- Teixeira, M. et al. (2001). *Ser professor no limiar do século XXI*. Braga: Edições ISET.
- Veiga, F. H. (2001). *Indisciplina e violência na escola: Práticas comunicacionais para professores e pais*. Coimbra: Almedina.
- Veiga, F. H. (2002). *Psicologia da educação: Relatório apresentado em concurso documental para professor associado do grupo de educação*. Lisboa: Departamento de Educação da FCUL.
- Wilson, S. M. (1993). The self-empowerment index: A measure of internally and externally expressed teacher autonomy. *Educational and Psychological Measurement*, 53, 727-737.



## ANEXO 1 - Escala EAP

### Escala EAP . Estrutura factorial a partir das saturações dos itens obtidos na matriz rodada

Factor 1 – Autonomia na Formação de Turmas, suas condições e normas escolares		Saturação
7	Posso tomar decisões autónomas quanto à definição de critérios de elaboração de horários das turmas.	0,817
1	Tenho autonomia para decidir quanto à definição de critérios de formação de turmas (turmas heterogéneas ou homogéneas).	0,784
19	Tenho autonomia para elaborar normas e regulamentos da escola.	0,622
13	Tenho autonomia para elaborar critérios de admissão de alunos.	0,618
25	Tenho poder para escolher as condições do ambiente e espaço físico da sala de aula.	0,531
Factor 2 - Autonomia nas temáticas de ensino		
22	Tenho liberdade para escolher temáticas sócio-culturais específicas para os meus alunos extraídas de programas oficiais já existentes.	0,733
5	Tenho liberdade para escolher temáticas enriquecedoras para os meus alunos extraídas de programas oficiais já existentes.	0,731
11	Tenho liberdade para escolher temáticas enriquecedoras para os meus alunos, extraídas de programas elaborados na própria escola.	0,686
18	Tenho autonomia para escolher temáticas enriquecedoras para os meus alunos, situadas num âmbito extracurricular.	0,650
28	Tenho liberdade para promover intercâmbios com entidades sociais exteriores à escola.	0,526
27	Tenho autonomia para experimentar novas formas de apoio educativo.	0,328
Factor 3 – Autonomia na Formação Profissional		
10	Posso escolher entre várias ofertas de formação de âmbito específica do meu curso, ao longo do seu desempenho profissional.	0,776
26	Posso escolher a altura em que pretendo fazer a minha formação profissional.	0,735
4	Sinto que posso escolher entre várias ofertas de formação de âmbito geral, ao longo do meu desempenho profissional.	0,711
17	Sinto que posso escolher entre várias ofertas de formação, que respondam às minhas necessidades sentidas no terreno.	0,696
21	Posso escolher o local da minha formação profissional.	0,672
Factor 4 - Autonomia no relacionamento com os Encarregados de Educação		
9	Tenho poder para promover encontros com os pais ou encarregados de educação, para tratar assuntos escolares.	0,814
3	Tenho autonomia para desencadear formas de colaboração com os pais ou encarregados de educação.	0,677
16	Tenho poder para promover actividades culturais com os pais ou encarregados de educação.	0,600
Factor 5- Autonomia no ensino e na avaliação do rendimento escolar		
31	Tenho poder para estabelecer limites ao comportamento dos alunos.	0,732
29	Tenho poder para recorrer a diferentes formas de avaliação dos alunos.	0,677
32	Tenho autonomia para definir a ordem de apresentação dos temas curriculares.	0,596
2	Tenho autonomia quanto ao trabalho a realizar dentro da sala de aula.	0,583
14	Tenho autonomia para decidir quanto aos meios e aos procedimentos para avaliar o rendimento escolar dos alunos.	0,385
20	Tenho poder para estabelecer os critérios de avaliação do rendimento escolar dos alunos.	0,367
08	Tenho poder para determinar as normas e as regras de comportamento dos alunos	0,302
15	Tenho autonomia para experimentar novos métodos de ensino.	0,322
Factor 6 - Autonomia na mudança e desenvolvimento curricular		
30	Tenho autonomia para experimentar um novo currículo.	0,795
6	Tenho autonomia para acrescentar ou eliminar temas ao currículo oficial.	0,792
23	Tenho liberdade para elaborar um currículo de acordo com as necessidades dos meus alunos.	0,734
24	Tenho autonomia para definir os objectivos curriculares.	0,305

